O espiritismo em Sergipe ¹

Eufrázia C. Menezes²

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

A história do espiritismo kardecista em Sergipe ainda está por ser escrita. Apresentamos aqui, sumariamente, um esboço histórico resultante da consulta ao escasso material escrito a que tivemos acesso enriquecido pelos depoimentos de alguns membros do movimento espírita.

Difícil será precisar o momento exato em que o espiritismo kardecista, enquanto conjunto doutrinário e de práticas religiosas, faz seu ingresso em Sergipe. De acordo com J. Martins Peralva, autor de um pequeno registro sobre o tema, o movimento espírita aqui se inicia no final do século passado, aproximadamente nas décadas de 1880/90, tendo como núcleos de recepção as cidades de Laranjeiras e Estância, enquanto em Aracaju, somente no início deste século, a partir de 1903, ele ganha visibilidade (PERALVA, 1970:148) (1).

Esse descompasso entre a presença do espiritismo na capital em relação às cidades de Laranjeiras e Estância suscita alguns comentários de ordem sociológica. Transformada em capital por ato administrativo de 1855, Aracaju era quase um povoado carente não só de estrutura física adequada às suas novas funções político-administrati-

---

1 Este artigo constitui, de forma pouco modificada, o primeiro capítulo da minha monografia de especialização, apresentada junto ao NPPCS/UFS em novembro de 1994.

2 Prof^a do Departamento de Ciências Sociais da UFS, Doutoranda em Antropologia na USP

vas, mas também de vida urbana. Em contrapartida, Laranjeiras e Estância eram então centros populacionais com aglomerações mais densas e se constituíam em locais onde elementos de diferenciação sócio-econômica e cultural indicavam presença de uma certa vida urbana, portanto, mais receptivos às novas idéias e alternativas no campo religioso. Significativamente, é em Laranjeiras que, no último quartel do século XIX, instalam-se os primeiros núcleos protestantes em Sergipe confrontando com o catolicismo dominante (OLIVEIRA, 1948:178), fato que se repete em Estância já no início deste século (SOUZA, 1991:30).

Nesta fase inicial as pessoas se reuniam em casas residenciais para o estudo da doutrina e da prática mediúnica:

“Na capital, só no começo do século XX, nos idos de 1903 um Sr. Serôa da Mota, em sua residência na antiga praça da Matriz (...) realizava as primeiras sessões espíritas, com familiares e amigos, estudando “O Evangelho Segundo O Espiritismo” e o “Livro dos Espíritos”, além de praticar o intercâmbio com o mundo espiritual, pela mediunidade.” (PERALVA, 1970:148)

No Brasil, assim como na França, os lares foram os principais focos de difusão do espiritismo. Como afirma Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti:

“Historicamente, os lares foram seus focos de difusão, e, ainda hoje, embora exista orientação da federação no sentido de que se evitem determinadas reuniões nos lares (basicamente as de caráter mediúnico), eles permanecem ativos (CAVALCANTI, 1990:148).

Em Sergipe, tal fato ainda é uma realidade, sendo a ampliação das atividades e participantes de uma casa um dos mecanismos de formação de novos centros espíritas. A título de exemplo podemos citar entre os atuais centros espíritas alguns dentre muitos outros, que iniciaram suas atividades em casas residenciais: o Grupo de Trabalho

“Caminho da Redenção”, o Pronto Socorro Espiritual Bezerra de Menezes e a Casa da Fraternidade.

Os registros de PERALVA sobre os primeiros tempos do espiritismo em Sergipe, indicam dois fatores importantes na expansão da nova forma religiosa no início deste século: a palavra e as curas. A presença ostensiva de fenômenos de cura, uma das formas de expressão da caridade espírita, atraiu pessoas de diferentes segmentos sociais e notabilizou alguns médiuns aos quais eram atribuídos tais fenômenos, como Basílio Martins Peralva e Elfego Nazário Gomes, cognominado Irmão Fêgo. As curas espetaculares atribuídas a esses militantes espíritas em Sergipe teriam atraído a Aracaju, à cata de reportagens, jornalistas do sudeste do país, mas atraíram sobretudo para a órbita do espiritismo muitos adeptos. Tendo surgido entre elementos das camadas médias (engenheiros, comerciantes, funcionários públicos, militares etc.) o espiritismo vai se difundindo entre os operários, notadamente entre os ferroviários (2), ampliando seu corpo de adeptos no espaço e dentre os diferentes segmentos sociais. Dessa forma, repete-se em Sergipe o que se passara no Brasil, onde no início do século XX, com o movimento de urbanização, o espiritismo foi aceito pelas classes em expansão, como a classe média e as classes menos favorecidas, tendo sua função terapêutica exercido importante papel na arregimentação de seguidores (CAMARGO, 1961; GREENFIEL, 1986:90).

A expansão do Espiritismo em Sergipe, aqui enfocado sobretudo neste século e na capital - em face dos limites colocados pelas informações que conseguimos levantar - vai suscitar por parte de outras formas religiosas já estabelecidas, reações de oposição. Uma polêmica pelos jornais teria ocupado na década de 20, durante meses, um pastor protestante e um conhecido líder espírita (PERALVA, 1970:150), a indicar que a palavra era não só instrumento de conversão e proselitismo, mas também arma de combate nesse mercado concorrencial de bens simbólicos que marca o campo religioso (BOURDIEU, 1974). Alianças e oposições vão então constituir-se e variar na dependência de vários fatores. Contando sempre com a oposição ora velada, ora mais aberta, da igreja católica (BRANDÃO, 1984:4), há indícios de que na primeira metade deste século tinham os espíritas sergipanos o apoio dos maçons (3).

As disputas por adeptos, a busca de reconhecimento público e de prestígio e o próprio crescimento do campo espírita, que se defrontava às vezes com acusações de práticas de curandeirismo, colocaram a exigência de regularização jurídica dos núcleos de estudo e da prática mediúnica. Tratando-se de uma religião onde a saúde do corpo e da alma encontra explicações imbricadas com a doutrina, a atuação dos espíritas esteve sempre sujeita a percalços na sua relação com o mundo das leis, sobretudo no momento em que o Estado procura controlar de forma mais efetiva o exercício das curas (4). Dessa forma, fazendo uso da legislação que regulamentava a atividade das associações religiosas (Lei de 1893), alguns centros espíritas, por volta de 1925/26, inscrevem-se no registro civil e passam a existir com personalidade jurídica as primeiras instituições espíritas de Aracaju: “Obreiros do Senhor”, “Amor e União”, “Grupo Espírita Regeneração” e “Centro Espírita Humildade”. (PERALVA, 1970: 155). A regulamentação legal não impediu contudo as manifestações de oposição às práticas espíritas expressas muitas vezes sob a forma de acusação de curandeirismo. Ilustrando tal assertiva, em depoimentos de atuais espíritas, encontramos referências de que Irmão Fêgo foi acusado de praticar magia negra pelo fato de utilizar água fluidificada como recurso terapêutico (5).

Diante da formação de novos núcleos e o aumento do número de seguidores, começam a surgir preocupações em torno de uma entidade aglutinadora. Tal intento é conseguido parcialmente em 1930, com a criação da “União Espírita Sergipana”, (09/09/30) fundada pelas sociedades “Obreiros do Senhor”, “Amor e União” e “Viana de Carvalho”(PERALVA, 1970:156). O movimento espírita em Sergipe seguia, desse modo, uma tendência observada no plano nacional onde o espiritismo tentava não só fortalecer suas entidades de aglutinação, como de unificação doutrinária. Na década de 40, a Federação Espírita Brasileira (FEB) idealiza um movimento de unificação formalizada através da assinatura do pacto Áureo, histórico documento fundado no Rio de Janeiro em 1949, tendo como objetivo reunir as instituições espíritas em torno da FEB, através das federações estaduais (6). Foi então constituída a Caravana da Fraternidade responsável pela formação de entidades federativas nos Estados do Norte e do Nordeste que chega a Sergipe em Novembro de 1950 e, em face dos entendi-

mentos mantidos com as lideranças locais, decide-se pela formação de uma comissão executiva constituída de representantes de quatro entidades que, sob a presidência de Elson Fontes, tratará da fundação e organização da Federação Espírita Sergipana (Jesus, 1994). Como estrutura organizacional que tenta agregar em torno de si os núcleos que vão se multiplicando no correr do tempo, a Federação desenvolve seu trabalho de aglutinação e, não raro, de fiscalização enquanto luta por uma sede própria que se inaugura somente em 1981. (7)

Uma visão de conjunto sobre o processo de ampliação do segmento espírita em Sergipe aponta, como já foi assinalado, para as residências de famílias como focos iniciais de estudo da doutrina e prática espíritas, daí passando, num segundo momento, para a formação de centros que vão gradativamente se institucionalizando como forma de viabilizar inclusive o trabalho assistencialista que se constitui num elemento forte da prática espírita.

Pretendemos agora enfocar como um centro já constituído costuma dar origem à formação de novas agremiações, através, de um processo em que os conflitos internos jogam papel destacado. A rede de relações formada por presidente, participantes e médiuns da casa que se processa na estrutura organizacional dos centros espíritas é marcada por fortes tensões. A existência formal de uma diretoria é relativizada ante a personificação das atividades na figura do presidente que quase sempre, é o médium mais ostensivo (8) atuando junto aos participantes como verdadeiro líder carismático (WEBER, 1981). As divergências em relação à sua direção material e espiritual acabam por se constituir em fonte de conflito.

Depoimentos de vários adeptos falam do surgimento de centros espíritas hoje existentes em Aracaju como resultantes de dissensões internas de várias ordens tais como: divergências nas decisões relacionadas ao direcionamento das atividades mediúnicas e de estudo, questões econômicas mais especificamente sobre a destinação de recursos obtidos, competição e rivalidade no campo pessoal entre indivíduos de destaque no grupo. Não raro, divergências desse tipo redundaram em conflitos que desembocaram numa ruptura caracterizada pelo afastamento do membro dissidente - na maioria das vezes um médium ostensivo com visível capacidade de liderança - seguido

por outros membros que comungavam de suas idéias e posturas ou eram atraídos pelo seu carisma pessoal. Esse processo de ruptura acabava por ter como consequência a formação de uma nova agremiação espírita. Assim é que “Amor e caridade”, um dos primeiros centros espíritas do bairro Cirurgia, fundado em 1950, foi foco de formação de mais quatro núcleos: Grupo de Trabalho Caminho da Redenção (03/05/63), Centro Espírita Luz e Amor” (st/1971), Trabalhadores do Bem (29/08/77) e do Pronto Socorro Espiritual Bezerra de Menezes (04/08/78). Posteriormente, por sua vez, o Caminho da Redenção transformou-se no núcleo de formação de mais três instituições: Centro Espírita Amélia Alves (19/07/78), Grupo de Estudos Espíritas (08/03/87) e o Instituto de Cultura Espírita (08/07/90).

Esse processo de formação de novos centros com base na dissidência é representado no gráfico nº 1.

GRÁFICO 1

Embora não tenhamos tido condições de aprofundar essa questão, os dados das entrevistas indicam que o conflito nas instituições espíritas, assim como nos terreiros de Umbanda (VELHO, 1977) é uma categoria fundamental para o entendimento do processo de surgimento de novas agremiações e, no caso específico desse estudo, da expansão espacial em nosso estado. Neste ponto nos distanciamos de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, em relação ao lugar e à importância do conflito no interior das instituições espíritas. Para esta autora “o espiritismo se caracteriza por valorizar a harmonia, o respeito às posições estabelecidas, a tolerância, o controle.” (CAVALCANTI, 1983:58). Tal assertiva de natureza generalizante não dá conta das especificidades do espiritismo enquanto vivência religiosa no espaço institucional. O fato da ética espírita valorizar a harmonia, o respeito às posições estabelecidas, a tolerância, não significa que no campo das relações inter-pessoais tais princípios sejam materializados enquanto práxis pelos seus membros.

Analizando as situações de competição e conflitos ligadas à Federação Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros no Pará, Anaíza Vergolino e Silva afasta a idéia de unidade na sua interpretação. Para a autora, cada terreiro “representa o núcleo de uma trama de relações sociais que cruza separações de cor, herança étnica, status econômico e social...” (SILVA, 1976:204). Tal afirmação nos apresenta ‘pistas de entendimento no que diz respeito à compreensão das instituições espíritas, enquanto espaços destinados a vivenciar o espiritismo de formas diferenciadas.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti chama atenção para o mecanismo de neutralização de todo o conflito potencial que se processa nas relações no centro espírita. Tal mecanismo se dá em relação a compreensão e leitura que são efetuados em torno dos chamados atos de oposições, irritação, desvio e diferença. Tais atos são considerados sinais de inferioridade moral/espiritual. Essa leitura tem como consequência a desaprovação pública do elemento discordante e a reafirmação da superioridade moral daquele que se encontra na coordenação da atividade, conseqüentemente há na hierarquia do centro, a reafirmação das oposições estabelecidas para cada um, segundo o “mérito individual”.

A identificação dos “comportamentos desviantes” como sinais de inferioridade moral/espiritual, não só neutraliza o conflito potencial, mas, a nosso ver, também estimula a sua presença e é nesse ponto que divergimos da autora. Entre a norma instituída e seu cumprimento sempre há possibilidade de transgressão. Na busca do ideal de uniformização de discursos e comportamentos comuns, as instituições religiosas nem sempre são bem sucedidas. Para os dissidentes, a positividade do conflito encontra-se na possibilidade da construção de novos modelos de interpretação e novas formas de vivenciar o espiritismo. O que expomos até o presente representa um esforço no sentido de incorporar o conflito enquanto categoria constitutiva da expansão do espiritismo em Sergipe, na medida em que reconhecemos ser este, ao lado de muitos outros, um dos fatores de surgimento de novos centros espíritas no Estado.

MAPEANDO O CAMPO ESPÍRITA

A atuação dos espíritas se faz através de múltiplas agências que têm denominações diversas e funções diferenciadas. Centros, casas, grupos de estudos, institutos de cultura e outros, compõem um quadro variado de entidades cuja ênfase repousa num ou noutro aspecto da prática dos espíritas.

A observação do mapeamento das instituições espíritas realizado durante o trabalho de campo aponta uma concentração de unidades espíritas na cidade de Aracaju. A diferença entre o número de agremiações sediados na capital e nas outras cidades é gritante e está correlacionada com a própria organização espacial do estado onde a capital apresenta-se como um núcleo concentrador de atividades, equipamentos e serviços muito distanciados das demais sedes municipais (RIBEIRO, 1987:39). A distribuição das unidades espíritas na cidade de Aracaju indica que se espalham por quase todos os bairros, com uma maior concentração no bairro Cirurgia.

As interpretações correntes sobre o crescimento do espiritismo têm associado sua expansão no Brasil à urbanização. Cândido Procópio Ferreira de Camargo associou o rápido crescimento das religiões mediúnicas - agrupadas no seu estudo na forma de um “continuum”

religioso que abarca desde as formas mais africanistas da Umbanda até o kardecismo mais ortodoxo - ao processo de racionalização e secularização da sociedade brasileira. Em termos de função social as religiões mediúnicas representariam um dos meios alternativos responsáveis pela adaptação do homem brasileiro à vida urbana. Elas reúnem em si características que, segundo o autor, facilitam o desempenho desse papel: a natureza sacral da explicação do mundo, participação do sobrenatural na compreensão mítica da realidade, sua natureza intelectual e continuidade com ciência, as duas últimas características mais acentuadas no kardecismo. (CAMARGO, 1961).

Não seria incauto de nossa parte, tendo essa matriz de explicação como ponto de referência, justificar a configuração espacial das agremiações espíritas em nosso estado a partir dessa linha de raciocínio. Esta também explicaria, em parte, a ausência de centros espíritas no sertão sergipano do São Francisco, sendo oportuno lembrar a existência de outra ordem de fatores que podem interferir nesse quadro. A ausência de agremiações espíritas em muitos lugares, pode ser apenas a ausência de registros, de informações e não do fato. Cabe lembrar que estamos trabalhando apenas com os registros da FEESE e esta reconhece não ser possuidora de recursos humanos e financeiros para efetuar um censo no Estado.

Além do mais, o termo espiritismo é utilizado por adeptos de diferentes formas de religiões mediúnicas para se referirem à sua experiência religiosa. A aceitação de uma agremiação espírita pela FEESE envolve um problema de legitimidade relacionada com o reconhecimento por parte desta, preocupada com a sua unidade doutrinária, em relação aos grupos religiosos que se consideram espíritas. Dessa forma os dados com que trabalhamos são dados para-oficiais, na medida em que são os disponíveis na Federação, não sendo possível confrontá-los com os dados do Censo.

AS RELAÇÕES ENTRE A FEESE E AGREMIÇÕES ESPÍRITAS

Estar inscrito nos registros da Federação pressupõe, de um lado, a iniciativa do núcleo espírita que busca aproximação com a entidade no sentido de filiar-se ou apenas ser cadastrada, e de outro, a aceita-

ção por parte desta, o que equivale a um atestado de adequação organizacional e doutrinária. Isso pressupõe uma relação que é mediada por um conjunto de normas contidas no regimento interno da entidade expressando uma tendência à uniformização.

A adesão é considerada um ato espontâneo e a Federação é tida apenas como órgão de aglutinação das entidades espíritas, estas vistas como unidades autônomas. No entanto, apesar da adesão ser considerada espontânea, a admissão de um centro espírita como sócio federado dependerá da aprovação do pedido mediante a observação de critérios fixados no Regimento Interno da FEESE:

- a) Identidade com os postulados da doutrina espírita;
- b) Disciplina e organização aproximadamente nos moldes da publicação *Orientação ao Centro Espírita*;
- c) Aceitação das orientações da FEB e FEESE.

O item "a" foi enfaticamente focado pelo presidente da FEESE quando, em entrevista, foi solicitado a apontar os indicadores que representariam o não cumprimento da linha doutrinária. A presença do sincretismo, ou seja, centros que seguem orientação de seitas orientais que introduzem práticas dos cultos afro-brasileiros e das religiões tradicionais, foi a referência mais explícita em sua resposta.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão os espíritas reconhecem a legitimidade das demais religiões. Com exceção daquelas que realizam práticas tidas como do mal, por exemplo a quimbanda, as demais são boas religiões e traduzem de forma diferenciada as maneiras de vivenciar o sagrado (BRANDÃO, 1988:41). No entanto, existe uma preocupação de demarcar as fronteiras de sua religião em relação às demais, em especial, à Umbanda (CAVALCANTI, 1983:15). Os espíritas kardecistas rejeitam qualquer tentativa de aproximação entre seu conjunto doutrinário e ritual e as formas variantes dos cultos afro-brasileiros. Consideram-se doutrinariamente mais avançados, afirmam trabalhar com espíritos "mais evoluídos" do que aqueles que se apresentam nos cultos afro-brasileiros (BRANDÃO, 1988:44).

A preocupação com o sincretismo reaparece nos itens do Regimento Interno que relacionam as causas que justificam a exclusão do sócio federado, entre as quais se incluem:

- Adotar práticas não condizentes com a doutrina espírita;
- Desvincular-se dos princípios da doutrina espírita;
- Adotar terapêuticas no tratamento de doenças que só devem ser cuidadas pela medicina oficial, a não ser a administração do "passe" e da "água fluidificada" ou do exercício de terapias por facultativo legalmente habilitado.

Nos fenômenos mediúnicos comuns à Umbanda e ao Espiritismo kardecista, este tenta resguardar sua identidade e na delimitação dessas fronteiras, a federação termina por assumir o papel de órgão mediador entre duas tendências opostas: a busca de uniformização e o reconhecimento explícito da diversidade dos centros, atribuída à individualidade dos guias espirituais e justificada doutrinariamente pelo livre arbítrio. Podemos assim concluir que há no Espiritismo uma preocupação em torno de sua unidade doutrinária e a uniformização do ponto de vista organizacional das instituições, no entanto, o Espiritismo não é homogêneo, e como as demais religiões, é marcado por tensões internas e externas que atuam como fatores de dinamismo e complexificação desse quadro (CAVALCANTI, 1983:146/147)

GANHANDO VISIBILIDADE

A presença dos espíritas em Aracaju não se evidencia pela arquitetura, pois, embora existam núcleos espalhados por quase toda cidade, estes não apresentam marcas arquitetônicas diferenciadoras das residências. Quando muito, uma outra inscrição indica a presença de um centro espírita. Os espíritas ganham visibilidade, sobretudo, pela sua atuação no campo assistencial e pelos trabalhos de difusão e divulgação.

A FEESE dispõe de uma coordenação "responsável pelos assuntos vinculados à expansão do movimento espírita, à exposição da doutrina, ao livro espírita, à biblioteca, às artes, ao estudo do esperanto, à educação e cultura e à comunicação social" (10).

Os trabalhos de divulgação se realizam mediante as seguintes atividades:

- a) Organização de seminários, cursos e palestras abertos ao grande público abordando temas os mais variados;

- b) Promoção de feiras de livros espíritas;
- c) Distribuição e circulação de boletins, jornais e mensagens psicografadas;
- d) Programas radiofônicos;
- e) Programas de televisão;
- f) Serviço telefônico "Disque Fraternidade", com mensagens gravadas e trabalhos de atendimento, usando apoio psicológico e esclarecimento doutrinário;
- g) Venda de livros espíritas.

O espiritismo kardecista é essencialmente livresco, adjetivação essa que está diretamente ligada à importância conferida à palavra oral e escrita por esta religião, que promove no conjunto da sua prática o estudo e a leitura (CAVALCANTI, 1990:151). O setor de livros espíritas ocupa um lugar significativo no mercado editorial brasileiro chegando a ter obras reeditadas cinco vezes num mesmo ano (Pedreira, 1984:63). Significativa é a orientação dada pelo seu codificador: "Espíritas amai-vos, eis o primeiro mandamento. Instruí-vos, eis o segundo".

No conjunto de atividades desenvolvidas pelos centros espíritas, encontramos a prestação de serviços de natureza assistencial, comportando em sua proposta a ajuda material e espiritual, tendo como destinatário - no caso da ajuda material - os segmentos sociais de baixa renda. Alguns centros espíritas em Sergipe acabam tornando-se entidades com personalidade jurídica, fato que se repete em todo Brasil. Em Sergipe essas obras tomam forma de creche, asilo, escolas profissionalizantes e orfanato. Não existe uma padronização no planejamento e execução das atividades assistenciais e a proposta de cada centro se dá de acordo com os recursos financeiros e humanos disponíveis.

No entanto, registram-se algumas atividades comuns ao Movimento Espírita Sergipano:

- a) Campanha do quilo - arrecadação de gêneros alimentícios junto às casas residenciais; estes são destinados as Instituições Assistenciais e famílias carentes;
- b) Sopão - distribuição de sopa junto às populações de baixa renda;

- c) Enxoval ' do recém-nascido - confecção e distribuição de enxovais para mulheres grávidas;
- d) Visitas a orfanatos, asilos, hospitais, Colônia de Hanseníase;
- e) Cafezinho - distribuição de café e pão pelas ruas da cidade;
- f) Distribuição de gêneros alimentícios - são cadastrados um número determinado de famílias para o recebimento mensal de feiras contendo alguns produtos da cesta básica. As doações são antecedidas, quase sempre, por palestras de cunho evangélico-doutrinário;
- g) Curso de corte e costura;
- h) Distribuição de roupas e calçados usados.

O espiritismo enquanto religião de salvação enfatiza o papel da obra pessoal no processo redentivo. A salvação pode ser atingida sem o recurso de qualquer ajuda de poderes sobrenaturais (WEBER, 1991). Em observância ao princípio kármico-evolucionista, os espíritas elegem a caridade, ao lado do estudo e da mediunidade, como um dos principais meios de salvação. No conjunto da literatura espírita encontra-se um grande número de orientações em torno da importância dessa prática. Essas orientações são ratificadas pelas suas lideranças e são estimuladas pelos guias espirituais através da via mediúnica. Por inspiração do seu codificador, o espiritismo adotou como princípio: "Fora da caridade não há salvação", e como elemento de identificação religiosa, a Federação Espírita Brasileira traz como lema: "Deus, Cristo e Caridade".

O grande número de obras assistenciais, é na realidade consequência da maneira como essa idéia é trabalhada no plano das representações espíritas, sua atualização prática ganha forma e importância numa sociedade fundada na máxima heterogeneidade social.

"Num país e numa época em que o bem-estar social, em todas as formas de assistência material e previdenciária, não é assumida como dever do Estado, à maneira como o kardecismo realiza a virtude da caridade, que é assistência espiritual mas também sanitária e material, fez dele importante parceiro, no conjunto da sociedade civil, como

as sociedade de misericórdia católicas, com quem por muito tempo dividiu papéis no cuidado dos desvalidos e desamparados, fossem crianças adultos ou velhos” (PRANDI, 1990:63).

Isso ganha maior significação quando se pensa num estado pequeno e pobre do nordeste onde as carências sociais são mais intensas, como é o caso de Sergipe.

CONCLUSÃO

O trabalho aqui apresentado parece indicar que o movimento de inserção do espiritismo em Sergipe, guardada as suas especificidades, não difere em linhas gerais daquele que se processou nos demais Estados brasileiros.

Apesar de sua origem francesa, o espiritismo kardecista fincou suas raízes no território brasileiro, sendo considerado “o maior país espírita do mundo”. Ao penetrar no Brasil seguiu as mesmas tendências do espiritismo francês, apresentando-se como religião científico-filosófica. Aos poucos essa identidade foi sendo substituída por outra, marcada por ampla tolerância religiosa. A ênfase no aspecto religioso constituirá um dos traços distintivos do chamado “espiritismo brasileiro”.

NOTAS

- (1) O conto-memória "A Filha do Alferes" da autoria de Thales de Azevedo, prof. da UBFA, cujas origens familiares passam por Sergipe, alude a fenômenos espíritas na nascente cidade de Aracaju na segunda metade do século passado. Ver Azevedo, 1993.
- (2) Martins Peralva fornece nomes e atuação de muitos dos pioneiros do espiritismo em Aracaju.
- (3) Na ata da sessão da Assembléia Geral da sociedade espírita Obreiros do Senhor do dia 28/06/1928, registra-se a presença do representante e membro da Loja Maçônica Cotinguiba, Dr. Álvaro Silveira Brito, na qualidade de convidado para presidir a sessão na qual se elegia membros da diretoria. O tema das alianças está a merecer pesquisa específica.
- (4) Desde o Código Penal de 1890 que o espiritismo foi citado como passível de proibição desde que servisse para inculcar sentimentos de ódio e amor e curas de moléstias. Sobre essa relação entre regulamentação das práticas de saúde e o campo religioso ver Maggie, (1992).
- (5) As informações sobre acusações de magia foram colhidas junto ao atual presidente do Centro Espírita Irmão Fêgo em 16.07.94.
- (6) Sobre o Pacto Áureo ver REFORMADOR 42 anos de Unificação. Rio de Janeiro; FEB, Ano 109, nº 1.951, outubro, 1991. p. 302.
- (7) Sobre a fundação da Federação Espírita Sergipana e construção de sua sede ver A. Monteiro de Jesus, (1994). Parece estranho que somente após 40 anos de sua criação a FEESE tenha conseguido uma sede própria, levando-se em conta a penetração do espiritismo entre camadas médias.
- (8) Médiun ostensivo é aquele que apresenta maior grau de mediunidade.
- (9) Os dados aqui apresentados foram obtidos junto à FEESE através do seu atual presidente João Batista Cabral.
- (10) Estatuto da FEESE art. 41 item II.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BOURDIEU, Pierre. "A dissolução do religioso". IN: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 119-125.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião". In: SACHS, Viola et all. **Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional**. Tradução dos textos em inglês e francês Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 27-83.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1961.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível; cosmologia, sistema** Ritual e noção de pessoa no espiritismo, 1983.
- GREENFIELD, Sidney. "O Espiritismo como sistema de cura". In: SCOTT, Parry (Org.) **Sistema** de Cura: as alternativas do povo. Recife, UFPE, 1986.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jonatas de. **Registro de Fatos Históricos de Laranjeiras**, Aracaju, Casa Ávila, 1942.
- PEDREIRA, Livia Álvares. "Edições Psicografadas ou a Literatura do Além". **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo: Edições Liberdade(CNPQ/IMS, nº 12, p. 61-64, outubro de 1984.
- PERALVA, J. Martins. "O Espiritismo em Sergipe". In: **Anuário Espírita**. São Paulo. Instituto de Difusão Espírita, 1970.
- RIBEIRO, Neuza Maria Gois. Transformações do Espaço Urbano: o caso de Aracaju. Recife, FUNDAJ/Massangana, 1989.
- SILVA, Anaiza Vergolino e. Tambor das Flores - uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Mimeo, 1976.
- SOUZA, Raimundo S **Gente que Conheci. Coisas que ouvi Contar**. Aracaju, FUNDESC, 1991.
- VELHO, Gilberto. "Indivíduo e Religião na Cultura Brasileira". **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº 31, p. 121-129, outubro de 1991.
- WEBER, Max. Economia e Sociedade. Fundamento da Sociologia Compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.